

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LÍNGUA INGLESA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

*Antonio Filipe Maciel Szezecinski
Vera Lucia Felicetti*

Resumo: Enquanto professores em exercício durante o isolamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19, as práticas de ensino tiveram que ser adaptadas em meio ao caos gerado pela doença. Os professores tiveram que adaptar e se reeducar na forma de ensinar para que a aprendizagem dos alunos não fosse interrompida e prejudicada neste novo cenário. De tal modo, por meio de trabalhos já publicados por Szezecinski, Felicetti e Spicer-Escalante (2019) e por Fernandes, Felicetti e Szezecinski (2019) percebe-se a contação de histórias como uma alternativa a ser usada em aula, não apenas para trabalhar conteúdos programáticos de diferentes disciplinas, mas também como forma de melhor engajar os alunos nos processos de ensino e aprendizagem. Assim sendo, o presente artigo trata da possibilidade de se utilizar a contação de histórias como uma estratégia pedagógica dentro da sala de aula on-line de uma escola de idiomas, para trabalhar a língua inglesa de forma remota. Para tanto, utilizou-se na sessão de Hora do Conto o livro ilustrado *Where the Wild Things Are*, de Maurice Sendak, por nela serem tratados conteúdos já estudados pelos alunos em aula e por possuir ilustrações que possibilitaram explorar a parte visual da história. Para que os principais pontos da história pudessem ser retomados e lembrados pelos alunos, utilizou-se a plataforma de jogos on-line *Kahoot!* na qual os alunos respondiam os questionamentos baseados no relato que ouviram e associaram com as imagens vistas. A partir desta experiência de ensino, pôde-se observar o aumento do interesse dos alunos no decorrer da atividade; mesmo não dominando plenamente as quatro habilidades linguísticas: leitura, escrita, fala e escuta,

eles entenderam a história e tiveram a maioria dos exercícios realizados com acertos.

Palavras-chave: Contação de histórias. Ensino e aprendizagem. Língua inglesa. Aula remota.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia contínua causada pela transmissão da síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2 (Sars-Cov-2) abalou severamente as estruturas do nosso cotidiano. As desigualdades sociais já presentes na sociedade brasileira ficaram mais acentuadas. Conforme expõe Schwarcz (2020), quando se trata da desigualdade, esta possui várias facetas. Neste sentido também, encontramos na fala de Santos (2020) um complemento a esta perspectiva. Para o autor, quando uma crise surge, sabe-se que esta é passageira e que, a partir dela, renovações tendem a surgir. No entanto, “[...] quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica todo o resto” (p. 18-19). O que a pandemia simplesmente ocasionou havia sido a revelação mais nítida desta; apesar de muitos incessantemente advogarem a respeito destas camadas.

Quando se fala a respeito da educação, estas desigualdades ficam cada vez mais nítidas. De acordo com os dados obtidos por Grandisoli, Jacobi e Marchini (2020), cerca de 48 milhões de alunos deixaram de frequentar as escolas como uma medida então provisória adotada em março de 2020 nas mais de 180 mil escolas de Educação Básica espalhadas pelo país, conforme registrado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2020). Assim, alunos advindos de ambas as realidades sentiram os impactos do isolamento social, cada um à sua maneira. Aqueles provenientes das escolas privadas, por mais que ainda estejam tendo a oportunidade de manter o ritmo dos estudos e das aulas de maneira remota, estão sofrendo com as consequências de uma quarentena que se estende desde março de 2020. Conforme novamente pontua Schwarcz, estes alunos “perderam a sociabilidade, a oportunidade de apren-

der em conjunto, de encontrar colegas e professores.” (2020, p. 5). Nesse aspecto, contudo, nada se difere dos alunos pertencentes à rede pública de ensino.

Alunos da rede pública de ensino além de enfrentarem os mesmos desafios daqueles que dispõem dos recursos tecnológicos necessários para manter a rotina de estudos, têm outros agravantes que se impõem à realidade que vivem, pois lidam com a falta de acesso à internet, ou o não possuir computadores para realizar as atividades on-line, ou mesmo a falta de auxílio dos pais e demais familiares. Por este cenário que se toma a Educação no contexto pandêmico provocado pela Covid-19.

Em contrapartida à realidade vivenciada pelas escolas regulares, as escolas de idiomas – os chamados “cursinhos de inglês” – também foram afetados com o avanço da doença. Assim como as demais, tiveram que fechar as portas por tempo indeterminado. Mesmo tendo sido liberados pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul a partir de setembro¹ a abrir novamente suas portas, muitas dessas escolas de idiomas mantiveram também suas atividades no formato remoto. Algumas permaneceram ativas por meio de plataformas on-line desenvolvidas especificamente ao momento que todos atravessam no contexto mundial, ou mesmo pelo uso de outras plataformas de serviços de comunicação como *Google Meet*, *Hangouts*, *Zoom*, entre outras.

Contudo, algo que tanto as escolas de idiomas quanto as escolas da rede privada, vêm enfrentando é a questão da participação ativa dos alunos nas aulas remotas durante o isolamento social. Um ponto são as estratégias adotadas por cada instituição para que a frequência dos alunos fosse mantida em meio ao caos gerado pela pandemia. Outro ponto que tem levado a preocupação de gestores escolares e professores é o comprometimento dos alunos durante as videochamadas. Nesse sentido, os professores têm buscado variadas formas de manter o interesse e o foco do aluno na sala de aula virtual.

1 O governo estadual do Rio Grande do Sul previa um retorno para disciplinas práticas e aulas livres de cerca de 100 mil alunos a partir da segunda quinzena de junho de 2020, conforme noticiado por Jacobsen (2020) e Vargas (2020) pelo portal on-line de notícias, GaúchaZH.

Isso não se vale de uma tarefa simples, ou mesmo fácil de ser realizada. Tampouco é impossível.

Visando, portanto, as possíveis formas de se trabalhar de uma maneira efetiva no comprometimento do aluno dentro da realidade apresentada pela sala de aula virtual de uma escola de idiomas, o presente artigo trata do uso da contação de histórias como uma maneira de envolver os alunos na sua aprendizagem linguística. Esta experiência de ensino foi aplicada junto a uma turma a qual um dos autores tem acompanhado o seu processo de aprendizagem e aquisição na Língua Inglesa desde o início do ano letivo.

O uso da contação de histórias dentro da aprendizagem da Língua Inglesa já havia sido estudado, analisado e aplicado em experiências de ensino dentro da realidade da escola pública pelos autores². São claros os benefícios que a contação de histórias venha a trazer no aprendizado do aluno. A contação de histórias é um dos traços essenciais dos quais definem seres humanos enquanto sujeitos de ação (COLLINS; COOPER, 2005; HAMILTON; WEISS, 2005). Por meio das histórias, há um amplo acesso a vivências que se opõem àquela presenciada no dia a dia, permitindo reflexões perante as situações vivenciadas pelas pessoas em geral e revisão de conceitos então cotados ou não pensados por aqueles que entraram em contato com uma história específica.

Quando a contação de histórias é trazida para a sala de aula, normalmente ela é encarada como um “tapa-buraco” no planejamento do professor, uma vez que o contador de histórias em si é também um professor, levando em conta que a verdadeira aprendizagem ocorre quando a mente e as emoções são trazidas juntas a este jogo (DAILEY, 1994). Contudo, pouco se lida com a ideia de que a contação de histórias pode ser o

2 Para demais informações a respeito sobre os estudos mencionados, ver FERNANDES, Meirilene Alves; FELICETTI, Vera Lucia; SZEZECINSKI, Antonio Filipe Maciel. Estratégias didáticas para o ensino da língua inglesa na educação básica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 1, p. 69-81, 2019 e SZEZECINSKI, Antonio Filipe Maciel; FELICETTI, Vera Lucia; SPICER-ESCALANTE, Maria Luisa. Magia além das palavras: Uma experiência de ensino de contação de histórias em língua inglesa com *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, de J. K. Rowling. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 4, p. 2398-2414, out./dez. 2019.

próprio planejamento. Selecionar uma história que possa fazer com que os alunos criem um elo e que possa estar atada com os conteúdos a serem explorados em sala de aula revela-se como uma forma diferenciada de se abordar os conhecimentos a serem explorados pelos alunos e, claro, pelo próprio professor.

Assim sendo, o uso da contação de histórias no âmbito virtual foi selecionado de maneira intencional para que se pudesse avaliar o quanto os alunos conseguiriam assimilar de maneira oral o insumo linguístico trabalhado com eles no decorrer do ano letivo. Para tanto, utilizou-se o livro de imagens *Where the Wild Things Are* (tradução oficial para “Onde Vivem os Monstros”³), de Maurice Sendak. A escolha do texto de Sendak deu-se pelo uso de imagens e pouco texto que contém, permitindo que as habilidades comunicativas pudessem ser melhor exploradas ao decorrer da atividade. Outra característica crucial levada em consideração para os critérios de escolha desse título havia sido pelo fato de apresentar uma dupla narração. Conforme apontado por Poslaniec (2002) e reforçado por Faria (2016), livros infantis que venham a apresentar o binômio texto-imagem apresentam dois tipos de narradores – o que conduz a história pelo texto e o outro pelas imagens. Não necessariamente texto e imagem venham a ser consonantes um ao outro na narrativa, o que torna a contação de histórias, ainda mais quando narrada em outra língua, uma experiência única.

2. DESENVOLVIMENTO

A experiência e prática de ensino em torno da contação de histórias em Língua Inglesa, conforme mencionado anteriormente, foi aplicada em uma turma da qual um dos autores havia sido o responsável pedagógico desde o início do ano letivo. A turma, que estava situada no nível básico e propunha um plano de estudos que condizia com as etapas psicológicas e biológicas das quais atravessavam, era composta por quatro alunos, sendo uma menina e três meninos

3 A tradução para o português do texto de Sendak é da autoria de Heloísa Jahn e foi publicada pela Cosac Naify em 2009.

na faixa etária dos dez aos doze anos de idade. A maioria destes alunos estavam tendo seu primeiro contato com a língua, sendo apenas um deles tendo um contato anterior com a mesma. Durante o primeiro semestre, esta turma havia demonstrado inicialmente dificuldades em relação à adaptação ao formato remoto. Lidaram com problemas tecnológicos, desde microfones que não funcionavam ou câmeras que não ligavam, até o próprio problema de concentração durante as videochamadas.

Sabendo as dificuldades enfrentadas pelos quatro alunos, teve-se mais ao perfil que cada um apresentava em sua aprendizagem. Foram utilizados variados recursos disponíveis on-line como *Mentimeter*, *Padlet* e *Kahoot* que dispunham de recursos visuais e interatividade maior. Foi averiguado que a maioria destes alunos desenvolvia melhor suas habilidades linguísticas com o uso destes recursos. Driblados estes obstáculos, o apoio dos pais dos quatro alunos foi essencial durante este momento, reforçando, neste contexto, a importância da participação da família dentro do aprendizado do aluno. Ultrapassadas estas barreiras impostas pelo isolamento social, deu-se início ao segundo semestre, também sob o formato remoto.

Tendo ciência das dificuldades e possíveis desafios a serem enfrentados na segunda etapa de sua aprendizagem, foram utilizadas diversas ferramentas para que os alunos pudessem estar mais comprometidos e interessados nos conteúdos da sala de aula. Por mais que estes mesmos alunos tenham conseguido lidar com os desafios iniciais, ainda apresentavam algumas adversidades no decorrer do semestre, tais como falhas na conexão durante as aulas ou impossibilitados de falar por problemas técnicos com microfones e áudios externos. Levando isso em consideração, surgiu a oportunidade, dentro do planejamento, de se trabalhar com a contação de histórias que estivesse alinhada com os conteúdos previstos no programa.

O nível em que os alunos se encontravam no semestre era a etapa do básico adaptado à sua faixa etária. Dentre os conteúdos assimilados em sala de aula, abrangia-se o uso prá-

tico do *simple present* (correspondendo ao presente do indicativo da Língua Portuguesa). Dentro deste âmbito gramatical, os alunos aprenderam formas diversas de expressar gostos e preferências, a frequência em que realizavam estas atividades e de exercícios que conseguiam fazer. Quanto ao vocabulário aprendido, havia um foco específico em esportes, tipos de comida e bebida, partes do corpo e atrações dispostas em um parque de diversões. O material utilizado por estes alunos era um material próprio desenvolvido pela escola, que faz parte de um grupo de escolas de idiomas espalhado pelos quatro cantos do país.

No meio deste contexto gramatical e linguístico, a oportunidade de se trabalhar com a contação de histórias surgiu, conforme também mencionado anteriormente, como uma forma de aumentar o comprometimento dos alunos em seu aprendizado. Outro fator importante havia sido adotado como uma maneira de reforçar e consolidar estruturas gramaticais e lexicais estudadas no decorrer do ano letivo.

A escolha do título mais famoso de Maurice Sendak, *Where the Wild Things Are*, deu-se por dois motivos principais: em primeiro lugar, configura-se como uma atividade diferencial do Halloween, que fazia parte da grade da escola naquela semana. Realizada uma leitura prévia do texto, foi averiguado que ele se relacionava bastante com o conteúdo que vinha sendo trabalhado em sala de aula, o que auxiliaria de forma precisa nos objetivos alinhados para esta prática. Em segundo lugar, o livro de Sendak possui também um grande número de imagens, considerando que é uma obra voltada ao público infanto-juvenil, contendo como texto frases curtas e um vocabulário que não seja estritamente específico.

A estrutura dessa contação de histórias deu-se por meio do uso da plataforma *Canva*. Esta plataforma de design gráfico é voltada para a criação de material voltado às mídias sociais, apresentações, dentre outras modalidades. O uso das imagens da história, bem como atividades previstas no planejamento foram adicionados dentro da apresentação criada nesta plataforma. Conforme a Imagem 1 abaixo, percebe-se como esta prática deu-se.

Figura 01: Print da tela da chamada de vídeo da contação de histórias de *Where the Wild Things Are*, de Maurice Sendak



Fonte: Elaboração dos autores.

Após os cumprimentos iniciais feitos ao início da aula, onde os alunos possuem a possibilidade de dividir um pouco da sua semana utilizando o vocabulário que já dominam, iniciaram-se as atividades planejadas. No momento inicial do encontro, entraram na chamada apenas três alunos. Um deles não pôde comparecer à aula por estar doente, conforme notificado pela responsável minutos antes. No decorrer da contação de histórias relatada em Língua Inglesa, um dos alunos se encontrava com conexão instável, fazendo com que perdesse o restante da atividade proposta, somente conseguindo retornar a chamada ao final do encontro.

Anterior ao início da atividade, havia sido notificado aos alunos que ninguém estaria se comunicando em português durante a atividade e que tentassem se expressar dentro do que conseguissem na língua-alvo. Tendo dado esse recado, foi mostrada aos alunos a imagem da capa da edição do livro que foi utilizada para a atividade. Em inglês, foi questionado o que estavam vendo. Um deles arriscou-se dizendo *adventure*⁴, como

4 Do inglês, “aventura”.

forma de interpretar a imagem em um todo. Partindo disso, o grupo começou a fazer uma interpretação de cada elemento que constituía a imagem, como forma de verificar seu entendimento. Utilizando-se da estrutura gramatical *What is this?*⁵ pôde ser averiguado o entendimento dos alunos perante cada desenho ilustrado no quadro. Vocábulo como *a monster*⁶, *a boat*⁷, *trees*⁸ e *water*⁹ foram corretamente apontados pelos mesmos, demonstrando compreensão da pergunta e associação das palavras com as imagens visualizadas por eles. Após ter congratulado os alunos pela prática oral, foi explicado que este *monster* seria chamado durante a história como *Wild Thing*¹⁰.

Logo após essa introdução, mostrou-se a imagem do protagonista, Max. Indagou-se a turma novamente sobre o que viam. Porque o personagem principal da história vestia-se de maneira diferente, um dos alunos arriscou-se e disse *monkey*¹¹. Outro aluno, dando continuidade à linha de raciocínio iniciada pelo colega, tentou dizer “uma pessoa”, contudo atrapalhou-se no uso do singular e plural e soltou *one people*¹². Como forma de correção, deu-se continuidade a seu raciocínio confirmando sua resposta utilizando a forma correta. O colega que falou a palavra *monkey* logo perguntou como ele poderia dizer que o menino estava vestindo uma fantasia. A isto, foi respondido como *he’s wearing a costume*. Como a palavra “fantasia” era algo novo para eles, foi reforçado que *costume* seria como se falava “uma fantasia” enquanto uma peça de vestuário temática. Realizada esta interpretação inicial feita pelos alunos, foram separadas, no mesmo slide, três perguntas sobre o personagem no *simple present* como forma de averiguar se conseguiam

5 Do inglês, “o que é isto?”.

6 Do inglês, “um monstro”.

7 Do inglês, “um barco”.

8 Do inglês, “árvores”.

9 Do inglês, “água”.

10 Na tradução feita por Jahn (2009), o vocábulo foi transposto como “monstro”. Partindo do pressuposto literal de que “*Wild Thing*” corresponde a “Coisa Selvagem”, nada mais natural do que o uso da palavra “monstro”.

11 Do inglês, “macaco”.

12 Do inglês, “uma pessoas”, por isso a necessidade da correção.

reconhecer estas perguntas sem o auxílio do professor e o quanto conseguiam reproduzir isto em inglês.

A primeira pergunta, *What is his name?*¹³, convidava os alunos a cogitarem possíveis nomes para a personagem. Um deles sugeriu “Jack” como alternativa. A segunda pergunta, *How old is he?*¹⁴, um dos alunos arriscou-se na língua materna ao achar que ele teria 26 anos de idade. Sua resposta foi colhida, respondendo em inglês. Por fim, a terceira pergunta, *Where is he from?*¹⁵, dois alunos trouxeram como duas opções diferenciadas o Canadá e a Austrália, sendo que apenas um deles se arriscou a dizer a forma mais completa (*He’s from Australia*¹⁶). Feita essa leitura inicial, buscou-se incentivar os alunos a usarem sua imaginação baseado no que já conheciam do vocabulário aprendido em sala de aula.

A partir deste momento, a contação de histórias foi iniciada. Por meio do uso de frases curtas e que pudessem ser compreendidas pelos alunos e um forte uso de recursos visuais, foi feita a narração da aventura de Max com os monstros da sua imaginação. Durante a atividade, para que pudesse verificar se os alunos estavam conseguindo acompanhar o fluxo da narrativa oral, foram realizadas pequenas intervenções utilizadas pela plataforma de aprendizagem baseada em jogos on-line chamada *Kahoot!*. Esta plataforma é um dos recursos frequentemente utilizados pelos autores como uma forma de se consolidar o vocabulário aprendido em sala de aula, bem como uma alternativa de revisão de conteúdos estudados previamente, além de ser usada como uma maneira de se discutir tópicos relacionados a temáticas abordadas nos programas desenvolvidos pela escola.

Estes jogos de aprendizagem, chamados pela plataforma de *Kahoots*, consistem em pequenos testes de múltipla escolha, combinados com imagens, cores e sons diversos. A turma em questão já estava habituada ao uso do *Kahoot!* enquanto uma forma diferenciada de se trabalhar os diversos conteúdos

13 Do inglês, “qual o nome dele?”.

14 Do inglês, “quantos anos ele tem?”.

15 Do inglês, “da onde ele é?”.

16 Do inglês, “ele é da Austrália”.

trabalhados em sala de aula. Para tanto, utilizou-se de estruturas gramaticais já estudadas pelos alunos no decorrer do ano letivo para as perguntas-base. Alinhada com as imagens utilizadas na contação de histórias para que pudesse ser averiguada sua compreensão da história, conforme disposta nas Figuras 02 e 03 que seguem:

Figura 02 – *Print da tela durante o jogo de Kahoot!*



Fonte: Elaboração dos autores.

Figura 03 – *Print da tela durante o jogo de Kahoot!*



Fonte: Elaboração dos autores.

Por meio do uso desta plataforma, além de verificar o quanto estavam compreendendo a história, buscou-se trabalhar com eles hipóteses que pudessem suceder a parte da história que haviam visto. Logo que isso era feito, discutia-se com eles, dentro do que conseguiam produzir em inglês, os motivos

pelos quais tal coisa poderia acontecer, com o auxílio proporcionado por um dos autores na elaboração de suas respostas.

Ao final do encontro, almejando analisar o quanto os alunos haviam compreendido da história narrada totalmente em Língua Inglesa, questionou aos dois alunos que conseguiram acompanhar a contação de histórias e explicaram o que conseguiram entender da história. Este foi o momento que o uso do português foi aceito para que verificassem o quanto haviam entendido da história. Pelo uso de imagens, de vocábulos e estruturas gramaticais já estudados pelos alunos no decorrer do ano letivo, e o uso de jogos de aprendizagem que estimulam sua compreensão, esta atividade pôde ter seus objetivos atingidos, de acordo com o planejamento previsto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se cogita a respeito do uso da contação de histórias dentro do ambiente da sala de aula, poucas são as vezes que esta possibilidade é encarada no planejamento da aula. Quando se traz a contação de histórias para dentro do planejamento, guiando-se por sua estrutura narrativa e qualidade literária para abordar os conteúdos pensados previamente para serem estudados em sala, todos saem ganhando. Contudo, a contação de histórias deve ser encarada de maneira séria e objetiva.

Para que possa ser utilizada de maneira concisa, sem abrir mão do imaginário fantástico que ela produz, primeiramente é necessário conhecer a obra abordada. Em segundo lugar, saber se sua narrativa irá corresponder às expectativas dos alunos. Ela deve se comunicar com o contexto em que vivem no presente momento. E, por fim, estruturar de que forma aquela história em questão pode estar atada com o que se deseja explorar com os alunos durante a sua aprendizagem.

Quando se trata do uso da contação de histórias como uma alternativa de ensino da Língua Inglesa em sala de aula, por mais que esta seja uma vertente relativamente nova nos campos de pesquisa da Educação, ela revela-se como um fator importante que auxilia a potencializar a aprendizagem. Con-

forme analisado na experiência de ensino, o uso da narrativa de Sendak como uma forma de verificar o quanto os alunos haviam aprendido seus conhecimentos linguísticos ao decorrer do semestre auxiliou na sua compreensão oral. Por mais que ainda não dominassem plenamente as quatro habilidades linguísticas almejadas em sua aquisição da Língua Inglesa, eles conseguiram não só compreender a história como também associar seus símbolos e palavras com o insumo já dominado por eles, ainda que limitado. Logo, a prática da contação de histórias em Língua Inglesa, de forma remota, não somente revela-se como uma alternativa no seu aprendizado, como também um convite àqueles que estão descobrindo o poder de uma narrativa envolvente.

4. REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo de Educação Básica 2019**: notas estatísticas. Brasília, 2020.
- DAILEY, Sheila (org.). **Tales as Tools**: the Power of Story in the Classroom. Jonesborough, Tennessee: National Storytelling Press, 1994.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5. ed., 5. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- FERNANDES, Meirilene Alves; FELICETTI, Vera Lucia; SZEZECINSKI, Antonio Filipe Maciel. Estratégias didáticas para o ensino da língua inglesa na educação básica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 1, p. 69-81, 2019.
- GRANDISOLI, Edson; JACOBI, Pedro Roberto; MARCHINI, Silvío. **Educação, Docência e a COVID-19**. São Paulo: IEE-USP, 2020.
- HAMILTON, M.; WEISS, M. **Children Tell Stories**: Teaching and Using Storytelling in the Classroom. 2nd edition. Kato-nah, New York: Richard C. Owen Publishers, Inc., 2005.
- JACOBSEN, Gabriel. Até 140 mil estudantes voltam às aulas presenciais a partir de 15 de junho no RS. **Gaúcha**

ZH. 29 maio 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/05/ate-140-mil-estudantes-voltam-as-aulas-presenciais-a-partir-de-15-de-junho-no-rs-ckashgpmu00h2015nhn4zwwfnz.html>. Acesso em: 4 jan. 2021.

POSLANIEC, Christian. **Vous avez dit “littérature”?** Paris: Hachette, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** São Paulo: Boitempo, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SZEZECINSKI, Antonio Filipe Maciel; FELICETTI, Vera Lucia; SPICER-ESCALANTE, Maria Luisa. Magia além das palavras: Uma experiência de ensino de contação de histórias em língua inglesa com *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, de J. K. Rowling. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 4, p. 2398-2414, out./dez. 2019.

VARGAS, Bruna. Cursos de idiomas se dividem sobre retomada de aulas presenciais. **Gáucha ZH.** 1 jun. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-em-prego/noticia/2020/06/cursos-de-idiomas-se-dividem-sobre-retomada-de-aulas-presenciais-ckawrndzh00b8015nhiubwyqh.html>. Acesso em: 4 jan. 2021.